



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PERFORMANCES NOS DISCURSOS DE MEMÓRIAS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUAL A PARTIR DA COMUNIDADE PRISMA DA UFABC NAS REDES SOCIAIS

Andrea Paula dos Santos *1

(UFABC – Universidade Federal do ABC / SP)

andrea.santos@ufabc.edu.br

Tatyane Estrela *2

(UFABC – Universidade Federal do ABC / SP)

tatyane.estrela@aluno.ufabc.edu.br

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma pesquisa em fase final sobre processos de construção de identidades e subjetividades num grupo de pessoas que se reúne desde de 2006, em torno da questão da diversidade de gênero e sexual. Essa comunidade, que se auto-denomina Prisma, é formada por estudantes da UFABC e outras pessoas que acabaram ingressando na mesma a partir das relações e das sociabilidades desenvolvidas por seus membros. Esse grupo é ativo principalmente em espaços no universo cibercultural, sobretudo, o das redes sociais, tais como Orkut e Facebook.

O objetivo é compreender a dinâmica desse grupo nos espaços da UFABC e nas redes sociais por meio da pesquisa e análise das formas de interação nas redes sociais, uma entrevista inicial com um membro da Prisma, bem como a revisão de literatura sobre as noções de identidade, subjetividade, comunidade e cibercultura/cultura digital.

* 1 - Professora Adjunta da Universidade Federal do ABC (UFABC), Mestre em História Social, Doutora em História Econômica (USP) e Pós-Doutora em História da Ciência (PUC-SP). Líder do grupo de pesquisa Conflitos, diversidades culturais e tecnologias.
2 - Graduada em Tecnologia em Logística ênfase em Transportes (FATEC-ZL), Graduanda nos Bacharelados em Ciências e Humanidades, Filosofia e Políticas Públicas na Universidade Federal do ABC (UFABC). Bolsista do programa Pesquisando Desde o Primeiro Dia (PDPD) da UFABC.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Foi realizada uma entrevista prévia com um dos membros da comunidade Prisma, que forneceu algumas informações relevantes sobre a formação da comunidade. Alexandre Soares Cavalcante, 20 anos, estudante do 3o. ano do Bacharelado em Ciência e Tecnologia, comenta que a comunidade Prisma surgiu poucos anos depois da inauguração da UFABC, em 2006, devido ao ingresso de uma grande quantidade de alunos que se identificavam com as questões da diversidade sexual. Buscando reunir este grupo, foi criada uma comunidade no Orkut, sendo inicialmente voltada ao público LGBT e posteriormente aberta aos simpatizantes.

JOBIM E SOUZA; HAMANN (2006), esclarecem que para a compreensão do funcionamento do Orkut, é necessária a participação nele, uma vez que possui regras específicas da rede social. Em suma, o Orkut permite relacionamentos na internet, nos quais há o fácil acesso a uma lista de amigos e comunidades de interesse. Tendo como características a criação de uma ambiente “confiável” (de amigos), onde pode ocorrer a socialização e comunicação. O uso de um perfil, no qual informações pessoais, interesses, fotos, registros de trocas de informação podem ser armazenadas, é a forma pela qual as pessoas ocupam espaço no Orkut (JOBIM E SOUZA; HAMANN, 2006, p.108-109).

As formas de interação permitidas pela rede social orkut permitem uma construção social de conhecimento, em grupo, de forma descentralizada, por meio da interação. JOBIM E SOUZA e HAMANN (2006), citam Leo Vygostky, que entende a construção social do conhecimento e da subjetividade como processos interacionais mediados por artefatos da cultura na mediação com o outro e as transformações dos usos da linguagem no contexto histórico de cada época (JOBIM E SOUZA; HAMANN, 2006, p.111).

Tais processos interacionais podem ser observados na comunidade Prisma do Orkut, dada a alta presença de jogos. O que pode parecer num primeiro momento, a descaracterização de uma comunidade que trata de questões de diversidade de gênero e sexual, e está envolvida em disputas ideológicas diárias em busca da afirmação de suas identidades. No entanto, tal percepção não condiz com o uso e os impactos deste tipo de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

atividade. É por meio dos jogos, que ocorre boa parte das interações, e é possível tanto o diálogo, como uma conversa coletiva, na qual se expressam anseios, medos, ideias, comportamentos, que tornam-se elementos de troca, ao mesmo tempo que fazem parte dos processos de subjetivação dos participantes. Dois tópicos com uma participação massiva são colocados a seguir para exemplificar de que forma ocorrem essas interações.

Tópico de 08/07/2010 – Só perguntas ... : jogo no qual uma pessoa responde uma pergunta com outra pergunta. 748 postagens.

Tópico de 07/12/2010 - Pavê, Pacomê, Palambê, Pamordê, Patudo, Panada!: jogo no qual a pessoa diz o que gostaria de fazer com a anterior. 1383 postagens.

Num breve histórico sobre a comunidade do Prisma, pode-se observar alguns momentos importantes para a compreensão da trajetória do grupo. Parte desta trajetória tem íntima relação com o desenvolvimento desta pesquisa e das grandes questões relacionadas à diversidade de gênero e sexual que fizeram parte das arenas políticas brasileiras no último ano. Surgindo na rede social Orkut, tendo num segundo momento criado um grupo na rede social Facebook e por último passando a realizar reuniões presenciais em grupo semanalmente, a Prisma em seu pouco tempo de vida, demonstrou as possibilidades e os impasses dos usos das tecnologias dos movimentos sociais do século XXI.

A comunidade Prisma no Orkut possuía em 21 de janeiro de 2011, 243 membros. Sua organização é feita em tópicos, que a medida que são comentados passam ao topo da lista. Sua coordenação é feita por quatro membros, que além de moderarem os tópicos, cuidam do processo de seleção dos candidatos a membros. A seguir se fará uma breve introdução teórica sobre conceitos fundamentais para a compreensão do universo cibercultural e das redes sociais.

CULTURA DIGITAL, CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS

De acordo com SANTAELLA (2003), a cultura digital pode ser entendida como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

o espaço-tempo, onde ocorre a convergência das mídias, da cultura de mídias onde ocorre a convivência das mídias (SANTAELLA, 2003, p.27).

Ao abordar Cibercultura, SANTAELLA (2003) esclarece que a cibercultura é uma criatura humana, na qual não há a separação entre ser humano e cultura. Como tal, as tecnologias digitais, também chamadas de tecnologias da inteligência, moldam a sensibilidade e a mente humana. De que forma a cultura, as comunicações e a interface ser humano e máquina estão sendo alteradas são questões colocadas pela autora (SANTAELLA, 2003, p.30).

CASTELLS (2003), contribui para a discussão ao apresentar um panorama de como o tempo e o espaço são alterados com os novos sistemas de comunicação. Frisa que o tempo intemporal e os fluxos espaciais passam a ser as bases de uma nova cultura, na qual a distinção entre o que é real e o que é ficção se torna cada vez mais tênue.

As redes pela sua estrutura, permitem uma expansão ilimitada e de forma integrada por meio do compartilhamento de códigos comunicacionais, sejam valores ou objetivos. Possibilita uma estrutura social aberta, dinâmica e inovadora de forma equilibrada (CASTELLS, 2003, p. 499).

No discurso do entrevistado, as experiências proporcionadas pelas redes são consideradas proveitosas e os vínculos mediados pela tecnologia das redes sociais parecem não serem menores que outros tipos de relações convencionais.

“Tenho alguns amigos que praticamente não vejo pessoalmente, tenho mais um contato virtual e mesmo assim eles significam muito para mim. São muito importantes para mim por que eu consigo me expressar com eles, conversar, mesmo no ambiente virtual de uma forma as vezes muito mais íntima do que com amigos presenciais” (CAVALCANTE, 2010).

A partir desta colocação é possível questionar conceitos como, virtual, real, ficção, formas de interação humana, impactos das novas tecnologias, sociabilidades e limites do uso das tecnologias de informação e comunicação. Dada a profundidade dessas questões, se optou por fazer um breve enunciamento de como as redes tem o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

potencial de gerar liberdades e novas formas de controle e de que forma a comunidade Prisma se utiliza das ferramentas disponíveis para promover a mediação de seus debates e discussões.

SILVEIRA (2010), comenta que a dependência de protocolos comunicacionais para realizar a comunicação exige a aceitação destas regras, o que ao mesmo tempo garante a liberdade e gera o controle sobre esta mesma liberdade, isso expressa o caráter de nossa sociedade de controle (SILVEIRA, 2010, p.77).

DELEUZE (1992), afirma que embora pareçam libertários, tais dispositivos atuam de forma conservadora. Havendo uma ambiguidade entre as sociedades disciplinares e de controle. Tais características remetem a reflexão sobre os limites das transformações nas estruturas de poder a partir destas redes. Tal observação é fundamental para compreender os limites e possibilidades dos novos movimentos sociais, que têm na internet, importante canal de comunicação, organização e luta. Quanto a comunidade estudada, a Prisma, é possível notar tanto a pluralidades de falas permitida pela arquitetura das rede, como a tensão gerada e a fragilidade a qual a comunidade está exposta.

Sobre o controle realizado internamente na Prisma, é interessante citar que há um tópico específico que enumera os objetivos da comunidade e as regras de ingresso, conduta e participação. Nos espaços de discussão das redes sociais há uma descentralização do controle, devido a forma polifônica de produção das falas, que mesmo existindo algum protocolo de controle, torna a atividade de moderação algo difícil de realizar.

Os tópicos abaixo citados dão uma visão de como a construção das identidades e subjetividades são afetadas, tanto pela multiplicidade de temas, como pela liberdade em relação às temáticas tratadas, que vão de assuntos do cotidiano, passam por exposições de experiências, por discussões em torno das lutas LGBTs e chegam a atividades de entretenimento, nas quais as participações mostram um ambiente amistoso e aberto.

21/01/2011 – Confesso: 12.924 postagens – tópico com o maior número de postagens que trata da exposição de fatos, situações, condições dos membros da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comunidade, com uma grande variedade de exposições, de coisas cotidianas a atos extravagantes.

31/01/2011 – Entretenimento: 474 postagens – tópico com indicação de músicas, séries, vídeos e filmes de humor, que demonstram o consumo cultural da comunidade.

21/09/2010 - Biblioteca PRISMA: 22 postagens – tópico para compartilhamento e troca de livros.

27/03/2010 - 30 coisas pra fazer antes dos 30: O que vc já fez? - tópico no qual se colocam os desejos e objetivos a serem alcançados até os 30 anos, como também o que já foi alcançado.

12/01/2011 – Pegava? - 568 postagens. Jogo no qual se demonstra interesse no participante anterior. Demonstra liberdade de expressão dos interesses sexuais.

18/01/2011 - DISCIPLINAS 2011 - PRIMEIRO QUADRIMESTRE: tópico no qual os membros colocam as disciplinas a serem cursadas no período citado.

19/12/2010 – Jornal Prisma: tópico com notícias LGBTs e comentários. 56 postagens.

Diante das falas da entrevista e dos tópicos, que são arquivos produzidos na comunidade, percebe-se que o arquivo na cultura digital, permite acesso a coisas que as pessoas não imaginavam, ao mesmo tempo que é frágil, mantendo uma relação direta com os processos de identificação. Seu formato de produção em grupo, descentralizada, gera características que a diferencia, e sua forma fragmentada dificulta a gestão, o que exige um processo constante de negociação.

Entender os impactos do uso de uma comunidade da cibercultura, nas construções de identidades e subjetividades que se moldam a partir da diversidade de gênero e sexual e que embora compartilhados entre os membros, estão sempre em processo de negociação, exige algumas conceituações sobre gênero, diversidade e performance. Este é o objetivo da próxima seção deste trabalho.

GÊNERO, DIVERSIDADE E PERFORMANCE



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em uma postagem na rede social Orkut, foi observado como ainda é presente nas práticas até de grupos da diversidade, o sexo binário como sendo um referencial importante de identificação. Ao mesmo tempo que um teste permite as pessoas tratarem suas identidades sexuais com mais desenvoltura, reflete a força que as identidades tanto masculinas, quanto femininas são reafirmadas.

1/12/2010 – Teste: Quanto masculino/feminina vc é? - 68 postagens. Apresentação dos resultados de um teste de gênero, no qual alguns indivíduos se descobrem como sendo diferentes do que pensavam.

Sobre gênero, Judith Butler, filósofa americana tem tido importante destaque por problematizar as definições sobre sexualidade e gênero existentes na atualidade. De acordo com RODRIGUES (2005), Butler problematiza que o gênero seria “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”. Partindo da crítica às dicotomias produzidas pela divisão sexo/gênero, Butler chega ao desmonte da concepção do indivíduo como um ser unificado. Importante ponto de sua teoria da performatividade de gênero é a ideia da não existência de uma identidade de gênero fixa, mas expressões de gênero, que são performativamente constituídas (RODRIGUES, 2005, p.180).

Tais expressões de gênero móveis e fluídas, afetam as formações das comunidades que se reúnem em torno das questões de diversidade de gênero e sexual. Na Prisma pode ser notado o caráter de comunidade que se forma em torno de tais questões, mas ao mesmo tempo, extrapola elas, tornando-se um local seguro para as trocas e diálogos entre pessoas com afinidades comuns.

A fala do entrevistado expressa tal situação:

“... aos poucos foi entrando mais gente, mais gente e se tornando uma comunidade ... grupo de pessoas com afinidades, de pessoas que se identificam de uma forma comum e que acaba se tornando um lugar seguro para essas pessoas. Para a expressão da subjetividade, da identidade, da particularidades de cada um ...” (CAVALCANTE, 2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Conforme GALLINA (2005), Judith Butler, entende o gênero como construção identitária na qual os indivíduos expõem suas subjetividades e por meio da qual buscam se expressar, produzindo performances. Daí vêm muitas críticas as suas ideias, por parte de teóricos que entendem o sexo como algo primitivo, não sendo passível de alteração pelas vontades dos indivíduos. Butler, vê como ficcionais a invenção de uma identidade coerente, usada para a construção do indivíduo. É com a desarticulação da naturalização de sexo e gênero que é possível visualizar o corpo, como parte instrumental da expressão da performatividade e não como elemento biológico redutor das possibilidades (GALLINA, 2005, p.557).

Neste ponto, é importante caracterizar o que seria a “performance”. SILVA (2005) entende performance como “espaço simbólico e de representação metafórica da realidade social, através do jogo de inversão e desempenho de papéis figurativos que sugerem criatividade e propiciam uma experiência singular, que é, ao mesmo tempo, “reflexiva” e da “reflexividade””. (SILVA, 2005, p.43)

Isto posto, fica clara a relação entre a ideia de performatividade das identidades de gênero e sexuais em Butler e citadas em GALLINA (2005) como reguladas pelas estruturas de poder, como “um ideal normativo, um conjunto de características que estabelecem uma continuidade através do tempo, a partir de práticas regulatórias que marcam a divisão sexo/gênero, a coerência interna dos sujeitos e a auto-identidade da pessoa” (GALLINA, 2005, p.557).

As estruturas do poder criam categorias nas quais enquadram os sujeitos, objetivando dar uma certa ordem as nossas sociedades. Para Lévi-Strauss (2002, apud KIM, 2004, p.206), a exigência de ordem “constitui a base de todo pensamento”. Logo seres ambíguos, são tratados como sinais de desordem, devido as ameaças que apresentam as convicções estabelecidas. Conforme DOUGLAS, (1991 apud KIM, 2004, p.206) “a cultura medeia a experiência dos indivíduos. Fornece-lhes, à partida, algumas categorias básicas, uma esquematização positiva na qual ideias e valores se encontram dispostos de forma ordenada”. DOUGLAS, ainda afirma que, algumas ações podem ser



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tomadas diante destas ambiguidades contraditórias aos sistema, pode-se lidar “de forma negativa, ignorando-as, percebê-las, ou ainda percebê-las e condená-las. Positivamente, podemos enfrentar deliberadamente a anomalia e tentar criar uma nova ordem do real onde a anomalia se possa inserir” (KIM, 2004, p.206).

Neste sentido se insere o Queer, adjetivo aceito e utilizado para caracterizar os indivíduos que fazem parte da chamada diversidade de gênero e sexual.

Tanto os que se enquadram no grupo, como os teóricos que estudam, fazem parte de uma “corrente de pensamento para a compreensão da diversidade de sexualidades e expressões culturais que tem na resistência a um enquadramento identitário seu foco de estudo” (GALLINA, 2006, 558).

Como tal atuam num projeto, epistemológico, político, cultural e social. Louro (2001), esclarece que, Os/as teóricos/as queer fazem parte de um grupo diverso, que se apoia tanto na teoria pós-estruturalista francesa, como utilizam a desconstrução, como um método de crítica literária e social; utilizam categorias e perspectivas psicanalíticas; e têm como estratégia, tanto o descentramento como a desconstrução que desestruturam proposições sócio-políticas positivas, além de verem o social como um texto a ser interpretado e questionado, no sentido de contestar as estruturas sociais dominantes. (LOURO, 2001, p.546-547)

Geertz (2001, apud SILVA, 2005, p.46) acrescenta, que textos com várias performances são constitutivos da cultura. Desta forma, a apreensão de significados de um texto, exige a ida ao texto (a performance) e ao contexto (realidade histórica e social) e vice-versa. Desta forma seria possível compreender uma “teia de significados”, uma vez que se penetrasse na cultura alheia, teia esta criada por sujeitos e criado de sentido ao texto cultural” (SILVA, 2005, p.46).

Logo as perspectivas de ações políticas queer, podem ser enquadradas de forma consistente como ações de desvelamento, interpretação e desconstrução da cultura. E a atuação dos movimentos sociais do século XXI, entre eles os que reivindicam os direitos LGBTs acaba sendo pautada por esta escolha metodológica, na qual a disputa por espaços de poder está encoberta pela análise dos discursos de poder produzidos e a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

devida contestação.

IDENTIDADE, SUBJETIVIDADE E COMUNIDADE

Ao tratar da noção de identidade nessa pesquisa, dois autores contemporâneos são considerados fundamentais para possíveis reflexões. Zygmunt Bauman e Anthony Giddens trouxeram elementos conceituais que possibilitaram a compreensão de como os sujeitos constroem processos de identificação ao participarem de uma comunidade.

BAUMAN (2003), no livro *Comunidade*, demonstra como a ideia de identidade e comunidade são interdependentes.

“A vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os seus construtores a procurar cabides para, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos” (BAUMAN, 2003, p.21).

Nesse sentido, pode-se dizer que a definição de identidade está relacionada a como os sujeitos estabelecem e/ou constroem sentidos de pertencimento a grupos e de continuidade no tempo e no espaço. Já a noção de comunidade assemelha-se a definição de identidade, porém a identidade pode se referir a um indivíduo e a comunidade sempre se refere a uma coletividade. Ou seja, a comunidade constrói sentidos de pertencimento, constrói identidades, mas o que ela estabelece tenta servir como referência para todos, independente das singularidades. A comunidade ressalta o que é comum a mais de um sujeito. Comunidade (família, trabalho, religião) tende a ser mais homogênea ao definir uma identidade coletiva para vários. Comunidade ressalta o que é próprio de vários sujeitos, seria a identidade coletiva. A identidade ressalta o que é próprio do sujeito, ou seja, a identidade individual. A Identidade pode ser mais heterogênea porque um sujeito pode se definir como pertencente a mais de uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comunidade (família, trabalho, religião).

Pelo fato do sujeito transitar em várias comunidades, sua identidade pode ser contraditória, ambígua, plural e heterogênea. Já a comunidade, para ter continuidade no tempo e no espaço, garantindo um sentido de pertencimento, ou seja, uma identidade, precisa se construir de forma mais homogênea. Há a constante tensão entre os sujeitos (identidades individuais) e a comunidade (identidade coletiva).

Feitas essas considerações teóricas sobre as noções de identidade e comunidade, traremos para a reflexão alguns elementos levantados na pesquisa. Numa breve análise das postagens nas redes sociais, o tema da admissão de membros no grupo é fundamental. Os critérios de ingresso demonstram um certo perfil desejável.

Em 19 de janeiro de 2011, foi levantado que a candidatura a membro passa por uma análise do perfil por parte dos integrantes, sobretudo por alguns mediadores que lideram e/ou tem maior influência no processo. Um primeiro fator considerado relevante é averiguar a possibilidade de que o perfil de um candidato a membro da Prisma possa vir a ser “Fake”, ou seja, falso. Aqui já é possível formular uma questão importante: levando em conta que o fato do sujeito fazer afirmações que são vistas como falsas ou verdadeiras é um requisito pra aceitação no grupo, quão grande seria a complexidade de se definir o que é falso, o que é verdadeiro, e como os sujeitos se esforçam por fazer um comportamento expressivo (performance) convincente para ser aceito.

Outro critério é se o sujeito tem presença em outras comunidades da UFABC e se tem possível relação com algum membro do grupo. Ao mesmo tempo que existe sensibilidade a novos membros no sentido de acolher, é feita uma investigação sobre a procedência do indivíduo e o mapeamento da rede de contatos do postulante a membro.

Os resultados dessa interação, criam significados e valores para o indivíduo participante em relação a sua identificação, como da comunidade da qual faz parte. É interessante observar a fala do entrevistado em relação as suas identidades, antes da entrada na Prisma:

“Eu mesmo vivia mundos completamente diferentes. Na escola eu assumia uma identidade, em casa assumia outra, na igreja tentava assumir uma outra



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

identidade, e para mim, mesmo quando eu estava sozinho, era uma coisa totalmente diferente ...” (CAVALCANTE, 2010).

O indivíduo diante dos complexos processos de identificação, que muitas vezes demonstram as fragilidades dos esforços em tentar definir sua identidade, acaba por buscar numa comunidade uma certa estabilidade, um espaço no qual, ocorre as trocas de experiências e o compartilhamento de ideias em comum. A Prisma, como uma comunidade da diversidade, consegue acolher, agrupar e fazer interagir os indivíduos, ao mesmo tempo que busca legitimar as identidades de gênero e sexuais de seus integrantes, tanto internamente, como externamente.

“Eu acho que a Prisma é uma comunidade da diversidade, por que é o que eu vejo. Na Prisma, você tem gays, lésbicas, bissexuais, multissexuais, transexuais, pluri, pan, inter, todos os prefixos que você quiser que termine com sexual, e mesmo assim não é uma comunidade, sexualizada, não é uma comunidade para sexo, é uma comunidade que hoje em dia, reúne bastante gente para poder se expressar da forma como quiser, falar aquilo que quer, sem ter nenhuma repressão moral ou ética ...” (CAVALCANTE, 2010).

Em certos momentos é possível observar a idealização da comunidade, a desvalorização da comunidade em um grupo cibercultural e a valorização do convívio presencial como algo melhor. Parte dos membros não conseguem observar as possibilidades que os meios tecnológicos oferecem para a atuação do grupo. A partir dessa constatação, pode-se questionar se é possível que ocorra um certo isolamento ou maior liberdade e convívio entre as pessoas e a partir dos espaços ciberculturais. Até mesmo a definição da Prisma por parte do entrevistado, como um “universo de liberdade” pode contradizer a forma como outros membros entendem as possibilidades da comunidade “virtual”.

“A Prisma seria um espaço; acho que é mais do que isso; seria um universo de liberdade. A existência da Prisma me propôs um universo que não está



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mais circunscrito a Prisma, eu me apropriei da forma da Prisma para construir o meu universo, e no meu universo eu tenho liberdade para eu fazer o que eu quiser” (CAVALCANTE, 2010).

E quando faz uma definição da comunidade virtual, o entrevistado comenta como a comunidade extrapola o ambiente cibercultural e como a experiência da Prisma tem uma relação com o modo de pensar a diversidade, não somente por parte dos membros.

“A gente fala assim, por exemplo. Eu faço parte da Prisma, lá no orkut né. A princípio a comunidade Prisma é uma comunidade do Orkut. Ai eu falo assim: eu sou prismático, eu estou na Prisma, mas isso se estende, por exemplo se você ver o caso, da professora Andrea. Ela é super da diversidade, ela apoia a diversidade, tem toda essa questão da legitimação, de entender que isso é bom para a sociedade. Eu diria que a professora Andrea é prismática. Percebe que esse adjetivo passa a ser não somente um adjetivo de pertencimento a comunidade, mas uma adjetivo de como a pessoa pensa a diversidade hoje em dia. Qualquer que pessoa que me falar que é aberta a diversidade, que é uma pessoa que legitima, que gosta, que acha bom, acha importante, respeita, para mim essa pessoa é prismática” (CAVALCANTE, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As performances e discursos produzidos ou em processo de produção no meio cibercultural pela comunidade Prisma, demonstram que os indivíduos podem ser protagonistas conscientes das possibilidades históricas de construção de novas realidades, mesmo que essa ainda pareça ser uma perspectiva considerada por muitos como destoante em meio ao diagnóstico quase que consensual da pós-modernidade com seu panorama fragmentado e de perda de sentidos, de identidades e de utopias. É interessante aprofundar como ocorrem as construções em outros contextos que vão além



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da comunidade apresentada e problematizar o que circunscreve o modo dos indivíduos atuarem por meio das redes sociais em busca da legitimação de suas identidades.

As possibilidades de construções coletivas de discursos, diálogos e interação podem elevar as atuações políticas em nosso tempo, a um outro patamar, fazendo sujeitos antes excluídos se tornarem ativos agentes de transformação social e política. Os impactos que o uso da cibercultura tem em nossas vidas, longe de ser compreendidos em sua totalidade, evidenciam que grandes transformações sociais e culturais estão em curso, e as construções de identidades, subjetividades e comunidades são afetadas profundamente por essas tecnologias. A atividade de pesquisa, passa a utilizar novos instrumentos e se torna coadjuvante das mudanças em curso. Problematizar esses processos e buscar dar respostas a eles, são ações imprescindíveis frente aos diagnósticos da fragmentação e perda de sentido da pós-modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 7ª. ed. Rev. E ampl., São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção A era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CAVALCANTE, Alexandre Soares. Santo André, 24 de julho de 2010. Entrevista concedida a Tatyane Estrela.

DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. In: DELEUZE, G. "Conversações 1972-1990". Rio de Janeiro: Ed. 34: 1992. p.219-226.

GALLINA, Justina Franchi. *Pós-feminismo através de Judith Butler*. Pe. Estud. Fem.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

[online]. 2006, vol.14, n.2, p. 556-558. ISSN 0104-026X. doi: 10.1590/S0104-026X2006000200018.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006. 104p.

JOBIM E SOUZA, S. ; HAMANN, Fernanda Passarelli . Os jovens e o ORKUT: considerações sobre a criação de jogos de linguagem e de identidade em rede. In: *Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. (Org.). Cabeças Digitais: o cotidiano na era da informação*. São Paulo: Loyola, 2006, v. , p. 107-130.

KIM, Joon Ho. “Cibernética, ciborgues e ciberespaço: Sobre como origens da cibernética e sua reinvenção cultural”. *Notas Horiz. antropol.* [online]. 2004, vol.10, n.21, p. 199-219. ISSN 0104-7183. doi: 10.1590/S0104-71832004000100009.

LOURO, G. L. . *Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MATOS, Marlise. *Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências*. *Estudos Feministas* 2 (16): 333 – 357, maio-agosto, 2008.

MOCELLIM, Alan . *A questão da identidade em Giddens e Bauman*. Em *Tese* (Florianópolis), v. 5, p. 1-31, 2009.

RODRIGUES, Carla. *Butler e a desconstrução do gênero*. *Revista de Estudos*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Feministas, v. 13, n. 1, p. 179-183, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Da cultura das mídias à cibercultura: O advento dos pós-humano*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, p. 23-32, 2003.

SILVA, Rubens Alves da. Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horiz. antropol.* [online]. 2005, vol.11, n.24, pp. 35-65. ISSN 0104-7183. doi: 10.1590/S0104-71832005000200003.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Org.) . *Cidadania e Redes Digitais*. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil / Maracá - Educação e Tecnologia, 2010. v. 1. 250 p.